

A 27 de Março de 2020, quando o papa, perante a praça de São Pedro vazia, ao anoitecer e debaixo de chuva, disse que não tivéssemos medo da pandemia, dando, em seguida, a bênção *urbi et orbi*, ele surge-nos não apenas como bispo de Roma, mas antes, como um farol que estende a sua luz por todo o mundo, em plena tempestade.



**vamos sonhar juntos,
um farol no meio da tempestade**

SONHEMOS JUNTOS. O CAMINHO PARA UM FUTURO MELHOR, é um grande livro que nos revela as chaves do pensamento e do projeto de reforma eclesial de Francisco e dos seus temas centrais: sair para as periferias, discernir, dialogar, superar os limites, sinodalidade, povo, Espírito. É uma autêntica bênção *urbi et orbi* para a Igreja e para o mundo. É um farol de luz no meio da atual tempestade

O Dr. AUSTEN IVEREIGH, escritor e jornalista britânico, autor de duas biografias do papa Francisco (*O grande reformador*, 2015 e *Wounded Shepherd*, 2019), aproveitou o confinamento papal para uma série de entrevistas e conversas que, agora, se publicam sob a forma de um livro de Francisco: ***SONHEMOS JUNTOS. O CAMINHO PARA UM FUTURO MELHOR***. CONVERSAS COM AUSTEN IVEREIGH, Planeta Edsitora, Janeiro de 2021.

Prólogo

Francisco encara este momento como a hora da verdade, um momento em que as nossas categorias e estilos de vida são abalados, uma crise perante a qual a pergunta a fazer é se sairemos dela melhores, uma ocasião em que corremos o risco de recuar, a fim de manter o nosso *status quo*. Contudo, como afirmava Hölderlin, “Onde medra o perigo, cresce, também, o que nos salva”. **É este o momento de sonharmos em grande, de nos comprometermos com as pequenas coisas, de criarmos algo de novo, de aceitarmos a superabundância da misericórdia de Deus que se derrama sobre nós, derrubando as fronteiras tradicionais.** Ousemos sonhar juntos.

O livro está organizado de acordo com três momentos: ver, optar, agir.

Tempo de ver

No momento do Ver, Francisco dirige a sua atenção para as periferias, convencido de que é a partir da periferia **que o mundo se nos revela com mais clare-**

za, a partir dos locais de pecado e de exclusão, a partir do sofrimento, da doença e da solidão, e tudo isso não em abstrato, mas em concreto, indo do adjetivo ao substantivo: partindo dos pobres rohingyas no Bangladesh, dos uigures e dos yazidis, dos refugiados de Lesbos, das crianças sem escola de África, dos que morrem de fome no Iémen, dos descartados, dos médicos e demais profissionais de saúde, dos sacerdotes e religiosas que morreram a socorrer os doentes com coronavírus.

Esta crise pôs a descoberto a cultura do descarte, dos que não têm casa nem água que lhes permita cumprir o distanciamento social obrigatório, dos que vivem amontoados nas cidades, em centros de instalação para migrantes, em campos de refugiados, onde chegam a permanecer anos sem meios de higiene, sem alimentação e sem uma vida digna.

Temos de procurar formas de estes descartados se tornarem atores de um novo futuro. Mas esta transformação enfrenta grandes obstáculos: o vírus da indiferença, que ainda é pior do que a pandemia, que nos leva a olhar para o lado, ou, como se diz em italiano *che me ne frega*, ou seja, estou-

me nas tintas, ou em castelhano “y a mi qué?”, isto é, que tenho eu a ver com isso?

Deus não é indiferente, nada tem a ver com esta indiferença bloqueadora do Espírito que nos leva a superar os limites, a fim de discernirmos o que Deus quer de nós, descartarmos a cultura do abuso, seja ele sexual, económico, racial ou clerical, e fomentarmos uma cultura do cuidado.



Há que trabalhar por um mundo saudável. Francisco faz um comentário sobre a forma como foi crescendo a sua consciência ecológica: na sua participação no comité de redação da conferência de Aparecida, em 2007, sentiu-se um pouco incomodado com a insistência dos brasileiros no tema da Amazónia; mais tarde foi influenciado pelo patriarca Bartolomeu de Constantinopla, no que toca aos temas ecológicos; convocou, logo em seguida, cientistas e teólogos para a análise de temas ecológicos, o que culminou com a encíclica *Laudato sí* e, finalmente, com a convocação do Sínodo sobre a Amazónia em 2019.

O grito da terra junta-se ao grito dos pobres. Temos de superar o paradigma tecnocrático que nos leva a abusar da natureza em proveito próprio, como se fôssemos donos dela, com um individualismo que provoca a desertificação da terra e alterações climáticas, esquecendo que a criação e a terra são um dom de Deus, postas ao nosso dispor para delas cuidarmos e as protegermos. Precisamos de nos converter a uma ecologia integral, que consiste em cuidar da criação e de todos

nós como criaturas de um Deus que nos ama.

A presente situação da pandemia Covid, com as suas quarentenas e confinamentos, apesar das dificuldades e dores que acarreta, pode ajudar-nos a refletir sobre a nossa vida, sobre o passado e o futuro, sobre os nossos ídolos e os nossos momentos de crise. Há que parar: paremos! Façamos uma revisão à nossa vida, e passemos a viver esta pandemia num clima de paciência e humor.

Francisco apresenta-nos três situações Covid relacionadas com a sua própria vida:

- **a Covid da sua doença pulmonar**, aos 21 anos de idade quando, sendo ainda seminarista em Buenos Aires, a 13 de agosto de 1957, o levaram para o hospital e lhe retiraram o lobo superior direito de um dos pulmões; pensou que ia morrer, as enfermeiras trataram dele e salvaram-no; foi um tempo de reflexão, e foi ali que amadureceu a sua decisão de entrar na Companhia de Jesus.
- **a Covid do exílio**, em 1986, quando foi para a Alemanha para fazer a tese de doutoramento sobre Guardini que não

chegou a terminar: sentia-se como um sapo num poço. Ia até ao aeroporto de Frankfurt para ver voar os aviões...

• **a Covid de uma transformação radical** quando, de 1990 a 1992, depois de ter sido Mestre de noviços, Provincial e Reitor dos jesuítas, foi destinado a Córdoba. Já se tinha habituado àquele modo de vida quando “me multaram e com razão”. Foi um tempo de purificação, oração e de leitura da *História dos Papas* de Ludwig Pastor, que agora me tem sido de grande utilidade.

Em resumo: para realizarmos esta conversão que a Covid nos proporciona, para superarmos a nossa globalização da indiferença, a hiperinflação do indivíduo, e para aprendermos a contar com os outros, há **que tomar decisões** e optar.



Tempo de optar

O segundo passo a dar, logo após termos analisado a realidade, é discernir e optar, mas para isso, para além de capacidade e reflexão, precisamos de ter um sólido conjunto de critérios que nos orientem na leitura dos sinais dos tempos. E em tempos de provação, como dizem os gaúchos e os cowboys, “não mudes de cavalo no meio do rio”, isto é, temos de ser fiéis ao mais importante, mesmo em tempos de crise: recuperar o valor da vida, a natureza, a dignidade da pessoa, o trabalho e os vínculos.

Há que recuperar as bem-aventuranças que a Igreja concretizou e expressou numa série de princípios básicos: a opção pelos pobres, o bem comum, o

destino universal de todos os bens, a solidariedade e a subsidiariedade.

Devemos aplicar estes princípios à realidade, num ambiente de reflexão e oração, de estar atentos ao Espírito, e de praticar o discernimento espiritual.

A Covid 19 veio acelerar uma mudança de época que já estava em marcha, já não se pode voltar para trás, qualquer tentativa de restauração levar-nos-á a um beco sem saída. Há que buscar a verdade, mesmo sabendo que todo o pensamento é incompleto e permanece, sempre, aberto a um desenvolvimento posterior (Guardini). Há que excluir tanto os moralismos com receitas para tudo, como o relativismo que de tudo duvida. Verdades que, ao princípio, nos parecem contraditórias, vão-se abrindo, pouco a pouco, a uma verdade maior (Newman). Não possuímos a verdade, é a verdade que, com a sua beleza e bondade, nos possui e nos atrai

O **discernimento** é tão antigo como a Igreja, é o Espírito que nos guia para a verdade (João 16,13) e nos mostra coisas novas, através dos sinais dos tempos: temos de nos questionar sobre o que nos humaniza e nos desumaniza



Sinal dos tempos é evitar o isolamento e a exclusão dos idosos, fomentar o encontro entre idosos e jovens, a fim de sonharmos juntos (Joel 2,28); sinal dos tempos é proteger e regenerar a terra, não considerar como objetivo o crescimento económico a qualquer preço; sinal dos tempos é sentirmo-nos parte da criação, não nos sentirmos donos dela, buscar uma economia que atenda às necessidades de todos e que respeite a terra; sinal dos tempos é o protagonismo das mulheres, sempre fiéis e abertas a uma nova possibilidade, muito sensíveis ao meio ambiente e ao cuidado das pessoas e da economia; outro sinal dos tempos é preferir a fraternidade ao individualismo, a união das almas, como se lê em *Fratelli tutti*.

Neste processo de discernimento, Deus, em vez de se impor, prefere propor, animar-nos por dentro, consolar-nos, dar-nos esperanças, não despertar em nós ilusões deslumbrantes ou falsos messianismos, não nos retirar o medo do futuro nem a tristeza do passado, não nos isolar do corpo da comunidade, nem nos fazer crer que somos os únicos a possuir a verdade, nem nos conduzir ao autoritarismo e rigidez que desembocam no escândalo. A Igreja débil e pecadora é o instrumento da misericórdia de Deus, porque ela própria necessita de misericórdia, não a condenemos, cuidemos dela como nossa mãe. Em vez de acusarmos os outros pelas suas faltas e limitações, devemos olhar para as nossas próprias faltas, voltar-nos para Deus e pedir ajuda para continuar: o que nos une a todos é a nossa vulnerabilidade partilhada, a nossa dependência mútua de Deus e dos outros.

Aquí, Francisco aborda um tema importante: como agir

em contexto de polarização social, política ou eclesial, uma situação que conduz à paralisia, à ausência de diálogo, à divisão e à discórdia. Em conformidade com Guardini, ele acha que as contradições aparentes podem ser resolvidas através do discernimento. Muitas vezes, encaramos como contradições o que, na realidade, não passa de contraposições que, embora contrárias, interagem numa tensão criativa superior. Face às contradições, há que optar entre o correto e o incorreto; pelo contrário, perante as contraposições, há que procurar, através do diálogo, uma verdade superior que abarque os aspetos positivos de ambas as partes. Este resultado que ultrapassa os limites de cada parte, dá origem a algo de novo.

Francisco chama-lhe superabundância, e reconhece-a como um dom de Deus e ação do Espírito, tal como nos aparece nas Escrituras: é o superabundante amor de Deus que nos perdoa, é o pai que abraça o filho pródigo, é a superabundante pesca, após uma noite infrutífera, é Jesus a lavar os pés aos seus discípulos, pouco antes de morrer.

Esta superabundância verifica-se, sobretudo, nas en-

cruzilhadas da nossa vida, em momentos de humildade, de fragilidade e abertura, quando o oceano do amor de Deus transborda as portas da nossa autossuficiência, e permite um novo imaginário possível.

A preocupação de Francisco enquanto papa tem sido promover esta superabundância dentro da Igreja, renovando a antiga prática da sinodalidade como um serviço à humanidade, que esbarra, muitas vezes, em desacordos paralisantes.

Sinodalidade vem de “sínodo”, que significa caminharmos juntos: é reconhecer e valorizar as diferenças, num plano superior, onde cada parte possa manter o melhor de si mesma, criar uma sinfonia que articule as particularidades de cada um. Desde o início a Igreja se revelou aberta à sinodalidade, abrindo-se a cristãos não judeus, sem lhes impor as práticas judias (Atos 15,28), e se foi enriquecendo com as culturas dos povos entre os quais lançou raízes.

Esta perspectiva sinodal é muito necessária ao nosso mundo de hoje, para podermos caminhar juntos sem aniquilar ninguém, construirmos um povo, não com armas, mas com a tensão resultante de caminharmos juntos, reconciliando as nossas diferenças.



A experiência da Igreja, nos três últimos sínodos (o dos jovens, o da família e o da Amazônia), mostrou-nos a **importância da sinodalidade na superação dos conflitos**. Para isso, há que escutar o povo que é abençoado pelo Espírito Santo, e que não pode equivocar-se na sua fé, há que aceitar que aquilo que a todos afeta,

tem de ser tratado por todos, e não confundir a verdadeira tradição eclesial, com outras normas e práticas eclesiais. Há que dar ouvidos ao Espírito, torna-se necessária uma conversão de todos, sem impormos as nossas ideias aos outros, desmascarando as agendas e as ideologias ocultas, não nos deixando arrastar para batalhas políticas como nos parlamentos, em que um partido é vencido pelo outro.

Nos últimos sínodos, os meios de comunicação social fixaram a sua atenção em pontos conflituosos secundários, mas com grande repercussão mediática (a comunhão dos divorciados que voltaram a casar, a ordenação de homens casados), sem compreenderem a problemática geral, sem captarem os sinais dos tempos. Precisamos de aprender com a antiquíssima experiência sinodal da Igreja:

- manter uma respeitosa escuta mútua, liberta de ideologias, cujo objetivo não seja chegar a um acordo diplomático entre posições em conflito, mas sim, caminharmos juntos, na busca da vontade de Deus, e estarmos prontos para receber as boas novas que o Espírito nos quiser revelar;

- às vezes, a novidade consiste em resolver as questões polêmicas resultantes da superabundância, levando-nos a alterar o nosso ponto de vista e a nossa rigidez, para procurarmos em novos lugares. Deus é um Senhor de surpresas que vai sempre adiante de nós;

- este é um processo paciente que não é fácil para nós; talvez, na pandemia, tenhamos aprendido a lidar melhor com ele. O tempo pertence ao Senhor, confiamos nele para o descobrirmos, através do discernimento e, deste modo, realizarmos o sonho de Deus a nosso respeito.

Tempo de agir

Este tempo de ação permite-nos recuperar o sentido de pertença a um povo. Francisco define povo como uma categoria mítica, que implica uma memória histórica de costumes, ritos e outros vínculos, que transcendem o transacional ou racional, numa busca de dignidade e liberdade, uma história de solidariedade e luta. Povo não é o mesmo que país, nação ou estado; povo é o fruto de uma síntese, de um encontro, um todo superior às partes que o compõem, forjado na luta e na adversidade vividas em comum. O povo tem alma, consciência sentido de solidariedade, justiça e trabalho.

Falar de povo é um antídoto contra a constante tentação de criar elites, sejam elas intelectuais, morais, religiosas, políticas, económicas ou culturais. Povo é unidade na diversidade, que não se sente determinada pela exclusão ou diferenciação, mas pela síntese de virtualidades, pela superabundância.

O povo, porém, pode dissolver-se numa mera massa, ou dividir-se em bandos. Estes tempos de tribulação podem ajudar-nos a dar início a um novo tempo de liberdade.

Embora a atual pandemia nos desinstale, ela permite que recuperemos a nossa memória e a nossa esperança. Que nos próximos anos não nos digam que, face à crise do Covid 19, não conseguimos recuperar a memória e recordar as nossas raízes.

Se face ao desafio desta pandemia soubermos agir como um só povo, a vida e a sociedade mudarão para melhor.



A dignidade de um povo nasce da sua proximidade com Deus, do amor divino que lhe dá um horizonte de esperança. O povo de Israel é um arquétipo deste povo; no Vaticano II, a Igreja define-se como povo de Deus, ungido pelo Espírito e encarnado em todos os povos e culturas da terra, um povo com muitos rostos. Ser cristão é saber que se faz parte do povo de Deus, uma comunidade dentro da comunidade mais ampla da humanidade, que deve sempre lembrar-se que há um bem comum acima de tudo o que nos rodeia, que o todo é superior às partes, e que a unidade deve, sempre, transcender o conflito. O ponto central do cristianismo é o anúncio do kerigma ou boa nova: que Deus me amou e se entregou à morte por mim, que todos nos devemos reconhecer como irmãos e membros da grande família humana. A Igreja caminha como parte do povo, servindo-o.

Para melhor sairmos desta crise, devemos recuperar o conhecimento de que temos um destino comum como povo, de que ninguém pode salvar-se sozinho, de que existe, entre nós, um laço de solidariedade, de que a mesa deve ser um lugar para todos, de que devemos **abraçar a realidade unidos pela reciprocidade, baseados na qual poderemos construir um futuro melhor, mais humano.**

Infelizmente, a visão predominante na política ocidental, promove e enaltece o indivíduo atomizado, a economia centra-se no lucro, enfraquece as instituições capazes de proteger o povo. Em contrapartida, as convicções religiosas são uma fonte de bem, valorizam as pessoas; os conflitos de natureza filosófica ou teológica, entre grupos seculares e gente de fé, não constituem obstáculo à união e ao trabalho por objetivos comuns: a dignidade humana, o emprego e a regeneração ecológica.

O papa retoma, aqui, temas da *Fratelli tutti* sobre a fraternidade humana, a idolatria do dinheiro e do mercado, a reabilitação da política, a necessidade de reformas estruturais, a inspiração na parábola do bom samaritano, de modo a não passarmos de lado face ao abandonados nas valetas dos caminhos. **No mundo pós-Covid, nem o gerencialismo nem o populismo serão suficientes, apenas uma política enraizada no povo, aberta à organização do próprio povo, poderá melhorar o nosso futuro.** O coração do cristianismo é o amor de Deus por todos os povos e o nosso amor pelo próximo, especialmente pelos necessitados.



Francisco insiste na saída para as periferias, lá onde nasceu a Igreja, onde se encontram tantos crucificados. Retoma, de novo, o tema dos três T, “terra, teto e tra-

balho”. Garantir a valorização da dignidade humana, através de intervenções muito concretas, não é, apenas, um sonho, mas sim um caminho para um futuro melhor.

Epílogo

Francisco propõe duas atitudes face ao futuro, descender-se e transcender; abrir portas e janelas e ir mais além, não nos deixarmos ficar entrincheirados nas nossas formas de pensar e agir, sermos peregrinos, não regressarmos à anterior “normalidade”, irmos ao encontro dos outros, **fixar o nosso olhar nos rostos, nos olhos, nas mãos e nas necessidades dos que nos rodeiam e, deste modo, descobriremos os nossos rostos e mãos cheias de possibilidades.** E agir.

Francisco acaba citando um poema do poeta argentino Alexis Valdés, sobre a esperança, que termina com estes versos:

*“Quando a tempestade
passar,
peço a Deus, apenas,
que nos devolva melhores,
como nos havia sonhado”.*

VÍCTOR CODINA.

Doutor e Professor de Teologia

https://www.religiondigital.org/libros/Victor-Codina-Sonemos-juntos-tormenta-bendicion-iglesia-mundo_0_2305869406.html